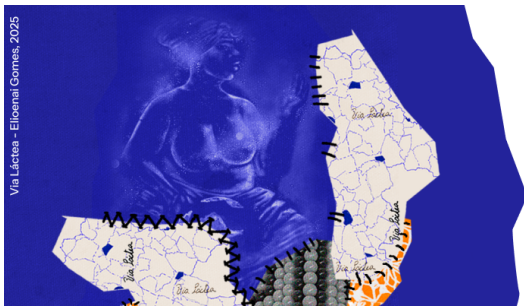




NARRATIVAS ARTEIRAS NO ENSINO DA ARTE E CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO OBSERVAÇÃO E REGÊNCIA

ARTISTIC NARRATIVES IN TEACHING AFRICAN AND AFRO-BRAZILIAN ART AND CULTURE: REPORT OF INTERNSHIP EXPERIENCE OBSERVATION AND CONDUCTING

Izabel Karime Custódio Sousa¹

Universidade Federal de Pernambuco/ campus Recife

Laís Maria de Souza Borba Gondim²

Universidade Federal de Pernambuco/ campus Recife

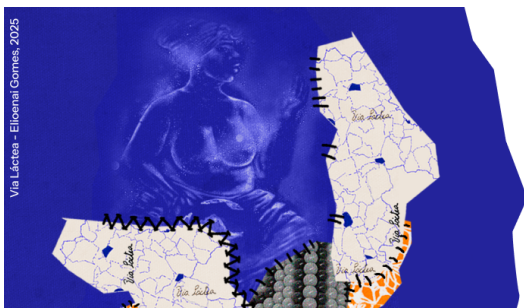
Resumo: O presente artigo se dispõe a apresentar um relato de experiência de Estágio Curricular de observação e regência vivenciada com uma turma do 7º ano do ensino fundamental em um colégio do ensino público da cidade do Recife. O trabalho abarca questões como reflexões pedagógicas surgidas durante o período de observação, assim como minúcias do período de regência: planejamento de aula, experiência em sala, métodos e abordagens utilizadas. A narrativa aqui escrita se desenvolve em três seções, começando com reflexões pedagógicas referentes às relações em sala de aula, estas registradas de forma poética e autobiográfica escrita em cartas — visando honrar as práticas e percepções individuais das autoras — tendo como referência o texto *Como Arrancar Poemas Presos* de Suelen de Aquino (2015), que também registrou sua experiência de Estágio Curricular de forma poética através de um diário/livro de artista. As outras duas seções unem-se na mesma parte do desenvolvimento e tocam a construção do planejamento de aula sobre arte africana e afro-brasileira com base em Vieira (2010) e as perspectivas da atuação pedagógica com a Abordagem Triangular durante o exercício do estágio (Rizzi; Silva; 2017).

Palavras-chave: Arte-Educação. Atuação Docente. Abordagem Triangular. Arte Afrobrasileira.

Abstract: This article presents an account of an internship experience involving observation and teaching with a 7th-grade class at a public school in the city of Recife. The work covers issues such as pedagogical reflections that emerged during the observation period, as well as details of the teaching period: lesson planning, classroom experience, methods, and approaches used. The narrative herein is divided into three sections, beginning with pedagogical reflections on classroom relationships, recorded poetically and autobiographically in letters—aiming to honor the authors' individual practices and perceptions—with reference to the text by Suelen de Aquino (2015), who also recorded her internship experience poetically through a diary/artist's book. The other two sections come together in the same part of the development and touch, on the construction of lesson

¹ Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco.
<http://lattes.cnpq.br/6668184862296389>

² Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco.
<http://lattes.cnpq.br/9803654907883239>

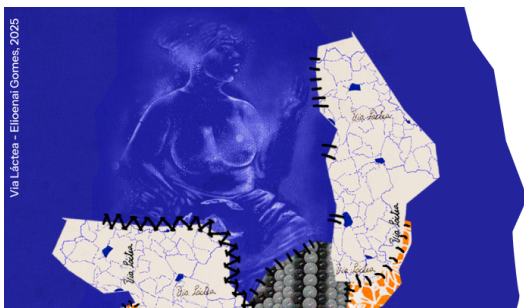


planning on African and Afro-Brazilian art based on Vieira (2010) and the perspectives of pedagogical action with the Triangular Approach during the internship (Rizzi; Silva; 2017).

Key-words: Art Education. Teaching Practice. Triangular Approach. Afro-Brazilian Art.

INTRODUÇÃO

Ao termos o nosso primeiro contato com a vivência docente na experiência inicial do estágio curricular com Ensino Fundamental Anos Finais, percebemos questões que existiam dentro de nós, como estudantes de Licenciatura em Artes Visuais, principalmente relacionadas às indagações sobre postura e comportamento necessários — ao ocuparmos o lugar de educadoras — e sobre a comunicação/relação educador-educando que gostaríamos de estabelecer. Além disso, pensando sobre o registro da experiência de estágio, compreendendo a necessidade de apresentar um relatório para a disciplina de Estágio 1 (estágio curricular no Ensino Fundamental, do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE) também nos questionamos acerca da estrutura textual mais adequada para contemplar nossas percepções individuais e a maneira como nos comunicamos uma com a outra. Como analisar a experiência de estágio de forma significativa e sensível e compartilhá-la enquanto a vivenciamos em conjunto? E como escrever mantendo os critérios acadêmicos sem comprometer nosso toque artístico? Ao ler o texto "Receita para arrancar poemas presos" de Suelen de Aquino (2015), que faz parte da coletânea de textos *Diários de Estágio: Relatos e Percepções da Prática Docente*, percebemos que a autora enfrentou questionamentos semelhantes ao estruturar o registro de sua experiência no estágio de observação e regência com o Ensino Médio. Ela optou por um formato diário e livro de artista, a partir da sugestão de sua orientadora. No que diz respeito ao relatório escrito para a disciplina de estágio, nossas decisões nos levaram a registrar e organizar os elementos — questionamentos, vivências e reflexões — usando o modelo de cartas, com o propósito de destacar e respeitar nossas vozes e experiências individuais, além de apresentar as trocas que vivemos ao final da prática docente. As cartas, são



apresentadas de modo sucinto na primeira seção do desenvolvimento do presente texto. Em paralelo, no segundo segmento do desenvolvimento, apresentamos de modo objetivo e direto, a elaboração do plano de aula e como este se desenvolveu ao longo da prática de regência.

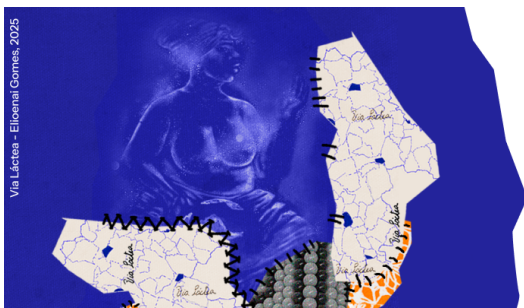
1. QUANDO CHEGAR LÁ, ME ESCREVA UMA CARTA

Recife, 9 de agosto de 2023

Querida Izabel,

Aqui estamos nós às portas da nossa prática de regência e o sentimento em meu peito é uma ansiedade boa com o que está por vir. Depois de praticamente um mês convivendo e observando a turma, me sinto mais habituada e integrada. Rememorando os momentos que passamos com os estudantes, certos encontros me trouxeram a memória a visão de Saviani (2003) que defende que a educação deve fortalecer os laços sociais, acredito que ao longo de nossas observações vivenciamos exatamente esse estreitamento de vínculos com os estudantes e como futura educadora, questiono meu papel de docente ao pensar sobre quais são os limites entre a relação educador-educando precisam ser estabelecidos para adquirir o respeito dos alunos, mas ainda sim não ter uma postura autoritária e acabar desenvolvendo uma docência bancária (Freire, 1996, p. 58). Voltando do período de recesso que tivemos, refleti um pouco sobre as nossas aulas anteriores, percebi como nos integramos mais às práticas dos estudantes em sala e conseguimos partilhar do conhecimento e das trocas que eles podem ter conosco, que a construção da nossa prática pedagógica se dá na vivência pura com os estudantes. Além disso, também notei que quando nos aproximamos mais deles temos trocas essenciais. Deixo aqui o registro desse sentimento, em mim, de tranquilidade com as nossas vivências no período de observação e abastecida para iniciarmos nossa regência.

Com carinho, Laís.



Recife, 10 de agosto de 2023

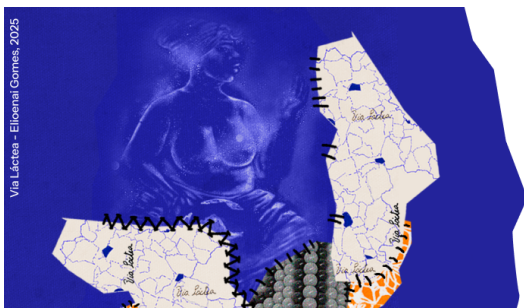
Querida Laís,

Depois desse tempo compartilhado lado a lado contigo, afirmo que senti coisas muito semelhantes a você. Venho antecipando como nos sairemos em frente a turma, pensando, assim como você, sobre os comportamentos e posturas que estabelecemos na relação com os estudantes. Te lendo, relembro de alguns movimentos que decidimos fazer durante a observação, os quais, olhando agora, acho que foram muito importantes. Por exemplo, a nossa escolha de vivenciar, junto deles, algumas das atividades práticas propostas pela professora-supervisora. Tenho pra mim que o ímpeto de se aproximar, se abrir para a troca de ideias com os estudantes diz muito sobre as arte-educadoras que almejamos ser! Também penso em Freire, nas reflexões que ele traz em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996), sobre compreender e respeitar a autonomia e a dignidade de cada pessoa, principalmente daquela que ocupa o lugar de educando. Acho que, intuitivamente, esse tem sido o alicerce de nossa prática pedagógica e estamos permitindo que nós e a turma sejamos sujeitos inteiros que aprendem e que ensinam, simultaneamente, honrando e ampliando nossos conhecimentos e potenciais (Freire, 1996). Sendo assim, creio que, nessa nova etapa do estágio, se nos mantivermos atentas e abertas para escutar viveremos algo transformador! Também me sinto abastecida para essa etapa do estágio.

Com carinho e empolgada, Izabel.

2. PLANEJAMENTO DAS AULAS: REFLEXÕES E METODOLOGIA

Com ênfase no planejamento da regência das aulas, o tema escolhido foi "O corpo diverso: Arte e cultura afro-brasileira e africana", com base no plano curricular da professora supervisora, além da relevância desse tópico no currículo de Artes, conforme a Lei de 11.645 de 2008. Para abordagem do tema, decidimos dar ênfase à temática da representação do corpo negro nas Arte Visuais — escolha feita ao levarmos em consideração a diversidade racial da turma e a oportunidade de

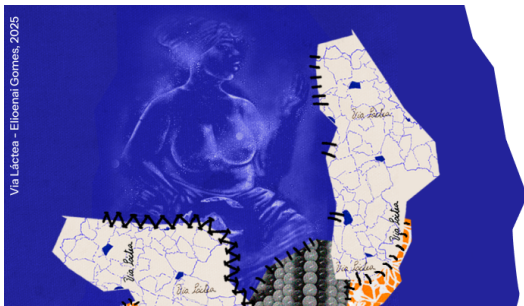


estimular a reflexão dos estudantes sobre o coletivo e sua identidade por meio da Arte. Assim, abordar “o corpo diverso” no tema da aula, teve por objetivo principal instigar o olhar sensível para o reconhecimento e representação das variedades dos corpos vinculados a arte africana e afro-brasileira, partindo da compreensão do quão importante é a representação imagética de diferentes etnias e raças em distintos contextos nas Artes Visuais.

O planejamento das aulas seguiu as diretrizes da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais, de Ana Mae Barbosa, revisada por Christina Rizzi e Maurício da Silva, que aborda a sistematização do ensino das artes e enfatiza a imbricação de ações e conteúdos e não uma sequenciação (Rizzi; Silva; 2017). Uma fala de Ana Mae Barbosa nos chamou atenção sobre a sistematização da Abordagem Triangular no ensino das Artes no tocante ao Ler, Fazer e Contextualizar, apresentada no artigo de Ângelo Barros (2016). Com isso, optamos por iniciar com a contextualização na nossa abordagem nas aulas.

“A contextualização sendo a condição epistemológica básica de nosso momento histórico, como a maioria dos teóricos contemporâneos da educação comprovam, não poderia ser vista apenas como um dos lados dos processos de aprendizagem. O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como também a leitura. Qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto [...]” (Barbosa, A. M., 2009, p.33 e 34, grifos da autora).

Assim, na primeira aula, a abordagem se iniciou com uma base teórica, a qual foi realizada a partir de uma leitura cartográfica do Mapa-Múndi, de modo interativo com elementos táteis e gráficos tendo como objetivo principal desenvolver a compreensão dos estudantes para o contexto histórico e cultural da arte africana no processo de vinda para o Brasil. Dessa forma, foi possível apresentar características geográficas e históricas do continente africano, destacando a complexidade e diversidade cultural como um pré-requisito para compreender sua arte, bem como a diáspora dos povos bantu e sudaneses para o Brasil devido à colonização. O texto “Ciências sociais e etnias africanas no Brasil: uma análise crítica da construção do

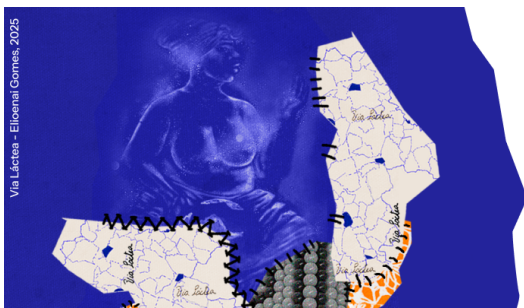


projeto de identidade nacional" de Francisco Vieira (2010) serviu como base teórica para discutir a relação entre Brasil e África. Em seguida, uma atividade diagnóstica foi conduzida com perguntas sobre o que os alunos já sabiam e o que desejavam aprender sobre a arte africana, revelando lacunas de conhecimento sobre o tema. Com isso, verificamos que precisaríamos estender o estudo teórico, para apresentar mais elementos culturais do continente africano como as danças, línguas, comida, as artes têxtil e tridimensional. Esses conteúdos se tornaram cruciais para a compreensão dos estudantes sobre a abrangência da arte e cultura africana e afro-brasileira.

Após essa aula, se deu continuidade ao conteúdo com uma atividade prática. Relacionamos o traslado das etnias africanas para o Brasil com a história da Boneca Abayomi desenvolvida por Lena Martins (2020). Buscamos trazer a Abayomi na perspectiva de refletir como o corpo diverso, racializado, é representado na arte africana e afro-brasileira e sua relação na representação de corpos das etnias bantu e sudanes na Arte africana e afro-brasileira. A feitura das bonecas foi dividida em duas aulas: a primeira em que contamos a história dela e construímos seu corpo e a segunda em que fizemos suas vestimentas. Nesse segundo momento, optamos por deixar a vestimenta tradicional da boneca apenas na parte teórica, instigando os estudantes a criarem suas próprias peças, para exercitar a representação de suas identidades pensando na autorrepresentação.

Figura 1 – Bonecas desenvolvidas pelo 7º ano





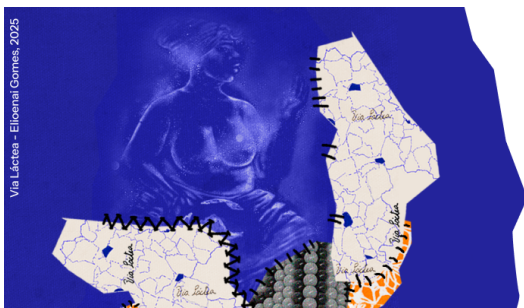
Fonte: Acervo pessoal das autoras, 2023

Além disso, o terceiro encontro também foi o momento de sua avaliação prática que aconteceu através da apresentação de suas produções. E então, as aulas subsequentes, foram dedicadas à apresentação de artistas afro-brasileiros e africanos que trabalhassem com a representação do corpo em sua produção. Fizemos assim, uma apresentação expositiva através de slides para falar da vida e obra de dois artistas brasileiros Jeff Allan (1991) e Luna Bastos (1996) e dois africanos, sendo um angolano, Paulo Chavonga (1997) e uma nigeriana, Haanefah Adam (1991), para aprendermos sobre leitura de imagem e representatividade do corpo negro na arte, para que a partir das imagens os alunos desenvolvessem o senso crítico da construção da composição de imagem e representação do corpo apresentado nas obras de cada artista.

Por fim, solicitamos, para concluir à prática de regência e como avaliação final, que os estudantes pesquisassem e trouxessem, no último encontro, uma obra, de sua preferência, de um dos artistas estudados em sala que tivesse relação com a temática do corpo diverso, para exercício de leitura de imagem. Concluindo assim, com um momento de feedback, a escuta dos estudantes sobre como foi, para eles, o período de regência conosco.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos apontamentos, gostaríamos de ressaltar alguns fatores: acreditamos que um dos pontos positivos para guiar nossa prática docente, foi a percepção das necessidades da turma, a partir da atividade diagnóstica. Pudemos observar e sentir o grupo naquele primeiro momento e ficou claro que teríamos que colocar nosso plano de aula em um caminho de viés mais teórico, o que facilitou enfrentarmos possíveis adversidades nas nossas práticas. Entretanto, pensamos que as aulas teóricas, no modelo de slide, poderiam ter sido mais dinâmicas; ao longo da exposição, ficou nítida uma dispersão maior dos estudantes. Logo, poderíamos pensar como um ponto a ser melhor elaborado em experiências futuras.

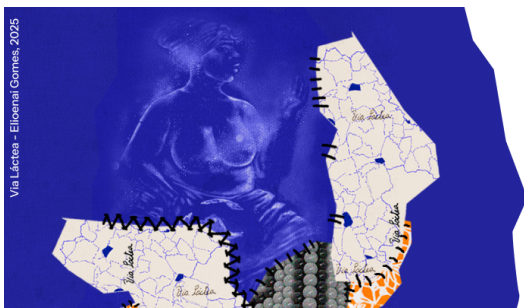


Outro fator pertinente a ser comentado, reparado no curso das aulas, foi o racismo estrutural que moldou a percepção de mundo dos estudantes.

Ao longo dos encontros, comentários de caráter preconceituoso, em detrimento da falta de informação, foram feitos: compreensões errôneas acerca do continente africano estereotipado como lugar desligado da arte e da cultura, consequência da disseminação da imagem de pobreza e fome; falas que enfatizam preconceito religioso, acreditando que as bonecas Abayomi tinham uma relação com *vodu* e *macumba* - práticas religiosas de matriz africana as quais, na percepção da turma, estavam ligadas à coisas negativas. Além disso, no decorrer da avaliação de suas Abayomi, quando perguntados o que eles acharam da ideia de fazer a boneca, grande parte dos alunos teceu comentários sobre a estranheza e até mesmo o receio de confeccioná-las, justamente por pensamentos equivocados sobre sua simbologia.

Porém, nos debates levantados por eles e em suas avaliações nas aulas finais, demonstraram mudanças em seus conceitos e reformularam seus entendimentos prévios com as novas informações, comunicando como, com os estudos e a feitura das bonecas, compreendiam que estavam equivocados, abraçando a experiência. Com isso, percebemos que os objetivos propostos foram atendidos com êxito pela turma, após analisarmos um aprimoramento na compreensão que tinham dos aspectos referentes à cultura e à arte africana e afro-brasileira, considerando a lacuna apresentada no início do processo.

De modo geral, a turma que acompanhamos foi receptiva, expansiva e engajada, compartilhando conhecimentos e ideias, dispostos a (re)aprender sobre as artes e cultura africanas, de maneira dialógica, sempre abertos para nos conhecer e ouvir o que tínhamos para ensinar. Acreditamos que a vivência para com eles e nossa supervisora nos proporcionou reflexões genuínas e profundas formulando nossas personas educativas. Acreditamos que essa postura se deu, devido a participação ativa que tivemos na convivência com a turma, buscando sempre estabelecer uma relação horizontal. bell hooks aborda sobre o afeto em sala, sentimento que foi presente em nossas vivências com o sétimo ano, em que



diz o seguinte “O amor na sala de aula estabelece uma base para o aprendizado que acolhe e empodera todo mundo” (hooks, p.99, 2020).

REFERÊNCIAS

BORBA, Ingrid. SANTOS, Lizandra. *Diários de Estágio: Relatos e Percepções da Prática Docente*. 1º Edição. Recife: Editora UFPE, 2018.

BRASIL. *Lei Nº 11645 de 10 de março de 2008*. Brasília. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

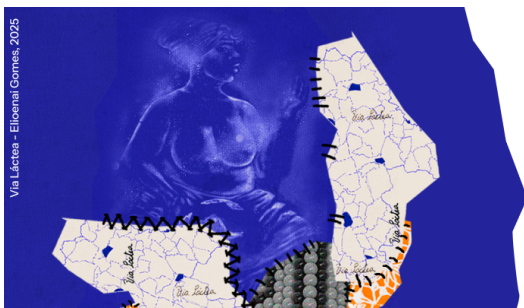
FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. São Paulo: Elefante, 2020.

RIZZI, Christina, DA SILVA, Mauricio. Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo. *Revista Gearte*, São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/2357-9854.71934>>.

VIEIRA, Francisco Sandro da Silveira. *Ciências sociais e etnias africanas no Brasil: uma análise crítica da construção do projeto de identidade nacional*. 2010. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4189?mode=full>>]

BARROS, Ângelo. Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais: uma breve revisão. *Anais do XXVI CONFAEB*, Boa Vista, 2016. p. 477-486. Disponível em: <[BARROS-Angelo-1.pdf \(pedagogia para concurseiros.com.br\)](#)>.



MARTINS, Lena. *Manifesto pelo reconhecimento da criadora da boneca Abayomi*. Coletivo Abayomi Boneca Preta Brasileira, 2020. Disponível em: <<https://www.bonecaabayomi.com>>

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8ª ed. Campinas, São Paulo: Autores associados, 2003.

MARQUES, S. A. T. *Receita para arrancar poemas presos*. In: Luciana Borre Nunes ; Marianne Tezza. (Org.). *Receita para arrancar poemas presos*. 1ªed. Recife: Edufpe, 2015, v. 1, p. 13-21. Disponível em: <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/view/489/479/1442>>